

## Assurinís querem que chefe do posto fique

Um grupo de seis índios da tribo Assurini, da família linguística tupi-guarani, que já havia assistido uma palestra sobre o projeto Grande Carajás e a problemática indígena, ontem de manhã, no campus universitário, reivindicou, durante uma entrevista coletiva na sala da assessoria de imprensa da SBPC, a permanência do chefe do posto, Jurson Góes, ameaçado de ser removido da reserva pela Funai.

Os seis índios estavam acompanhados da antropóloga Lúcia Andrade, que desenvolve um trabalho de pesquisa na reserva e que encaminhou o problema aos jornalistas. Em nome do grupo, falou o índio Tapra Assurini. Ele disse que a Funai já fez outras quatro tentativas para remover o chefe do posto, mas, os índios sempre conseguiram evitar que isso acontecesse. Agora eles se sentem ameaçados novamente com essa notícia, mas, não sabem de quem parte o interesse. O grupo chegou a Belém na sexta-feira, para um encontro com o delegado da Funai, Paulo César Abreu, mas, este não compareceu no órgão. Uma nova entrevista foi marcada, para a segunda-feira e mais uma vez, o grupo dos Assurini ficou na sala de espera. Tapra Assurini disse que não iria sair do novo encontro marcado pelo delegado da Funai, para ontem, às duas horas da tarde, sem uma resposta às reivindicações do grupo.

A reserva Trocará, dos Assurini, fica à 24 quilômetros de Tucuruí

e ali vivem 120 indígenas. Trapa, que veio a Belém, representando o cacique Cajuanaua, disse que o grupo está satisfeito com o trabalho desenvolvido pelo chefe do posto e que o delegado da Funai, nas outras vezes que falou em removê-lo da área, prometeu que o chefe iria continuar ali. Durante a entrevista, Trapa aproveitou para reclamar da falta de assistência que os índios vêm sofrendo naquela reserva, mas, não soube explicar porque os apelos não são atendidos. Contou que há falta de medicamentos na reserva e que o transporte entre esta e Tucuruí está sendo feito precariamente, há um ano, pois o motor do barco que fazia esse percurso foi levado dali para conserto e até agora não foi devolvido. O tempo de viagem, que levava de barco a motor 45 minutos, é feito agora em cerca de duas horas, a remo. Isto vem dificultando o transporte de doentes para Tucuruí.

A reserva, demarcada numa área de 21.000 hectares, foi cortada por estrada, a Transcarnatá, onde não há nenhuma sinalização de que a floresta pertence à reserva. Este território passou a ser invadido por caçadores clandestinos, segundo denúncias de Tapra, reforçadas pela antropóloga Lúcia Andrade, que mostrou o agravamento do problema de saúde dos Assurini. Com a abertura do Tráfego e a invasão dos predadores, começou a crescer o índice de doenças na reserva, principalmente de malária.



Paulo Abreu, durante a reunião, irredutível em sua decisão

## Delegado tapa os ouvidos

"Sob pressão eu não trabalho. Aqui não te esse negócio de índio invadir gabinete". Com essa declaração o titular da Delegacia Regional da Fundação Nacional do Índio (Funai), Paulo Cesar Abreu, justificou na tarde de ontem, à reportagem de O LIBERAL, a decisão de se manter irredutível quanto ao afastamento de Jurson Góes da função de chefe de posto da reserva Trocará, que abriga a tribo Assurini.

O grupo indígena levou suas reivindicações a Paulo Cesar Abreu, em encontro realizado ainda na tarde de ontem, na sede da Delegacia Regional da Funai, não sendo permitida a presença de repórteres. "Sinto muito, mas queiram se retirar", disse o delegado regional da Funai, que somente permitiu o registro fotográfico da reunião, ao término da qual, então, se dispôs a receber a imprensa, para falar, sobre o problema. Estes, por seu turno, saíram visivelmente insatisfeitos, diante da decisão de Paulo Cesar Abreu em repelir a idéia de manter Jurson Góes como chefe de posto. "Ele diz que o que pode fazer é deixar o posto sem chefe", resmungava, à saída, Nelson Assurini, um dos índios que se avistaram com o delegado regional da Funai.

Por sua vez, em contato com a reportagem de O LIBERAL, Paulo Cesar Abreu justificava o afastamento de Jurson Góes como parte de um remanejamento sistêmico dentro do órgão. "Nós temos por hábito fazer um rodízio de chefes de posto, já que essa é uma função altamente desgastante", disse, lembrando que Jurson Góes já se encontra na atual fun-

ção há quase quatro anos. Muito embora reconhecesse que havia outras razões para a decisão. "Trata-se de um excelente rapaz, mas um pouco imaturo. Mas o que os índios gostam nele, e que eu não gosto, é o seu excessivo paternalismo", acrescentou.

Esse paternalismo, aliás, recebeu causticos comentários do delegado regional da Funai, segundo o qual o chefe de posto de reserva Trocará gastaria grande parte do seu salário apresentando os indígenas. "Ele (Jurson Góes) desenvolve uma política paternalista insuportável de se manter, já que, amanhã, a dependência dos índios será total", destacou, observando, ao lado disso, que esse fato justifica o precário relacionamento de Jurson Góes com o chefe de Ajudância, José Ferreira Campos, e a própria Delegacia Regional da Funai. "Ele sistematicamente desconhece nossas orientações e faz tudo ao contrário, decidindo por sua própria cabeça", observou.

Quanto às queixas alinhadas pelos índios, em termos de precariedade de assistência, Paulo Cesar Abreu justificou como decorrência das negligências do chefe de posto da reserva. "Você a de convir que eu não posso ir atrás de problemas, se eles não me são colocados", ponderou, lembrando que mantém, sob o seu controle, 32 postos e que a jurisdição da Delegacia Regional da Funai se faz sobre 14 milhões de hectares. Enfatizou, por fim, que não houve um único radiograma do chefe de posto da reserva dando conta desses problemas. "Assim fica difícil de trabalhar" arrematou.